

ETEC DARCY PEREIRA DE MORAES
EXT. E.E. PROF. MODESTO TAVARES DE LIMA
Ensino Médio Com Habilitação Profissional de Técnico em
Logística

Larissa Ramos Brito
Paola Aparecida Dias

AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO

ITAPETINGA

2022

Larissa Ramos Brito
Paola Aparecida Dias

AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção da Habilitação Profissional de Técnico em Logística, no Eixo Tecnológico de Gestão de Negócios, a Escola Técnica Estadual de Itapetininga, sob orientação da Professora Mestra: Rejane Aparecida de Oliveira Arruda.

ITAPETININGA

2022

“Dedicamos este TCC para nossas mães, que são mulheres fortes, guerreiras e dedicadas, que passaram por diversas situações constrangedoras e humilhantes, mais que nunca desistiram e nos ensinam a não desistir também. Gratidão aos professores da Etec, por nos preparar para o mercado de trabalho mostrando para nós quais os desafios que teremos e como superá-los. Obrigada!!”

“Agradecemos aos professores da Etec Darcy Vieira de Moraes, por todos seus ensinamentos, em especial a Professora orientadora Rejane Aparecida de Oliveira Arruda por nos dedicar tanto esforço e competência”.

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta”.

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado como *A Mulher e o Mercado de Trabalho*, trata-se de uma viagem pela história da mulher, desde a era medieval até os dias atuais. Durante vários séculos as mulheres lutam para ter os mesmos direitos que os homens, muitos foram conquistados por elas como por exemplo, de votar e se candidatar nas eleições, e também poder exercer trabalhos em diferentes cargos, e até poder comandar, porém, ainda no século XXI, elas têm que lutar para conquistar a igualdade salarial, o fim da violência doméstica, preconceitos, assédios e o feminicídio. Com base nos apontamentos teóricos tendo como aportes os principais autores: Swain (2000), Navarro (2007), Alves (1980), Sanchez (2003), Carvalho (2008), Tavares (2010), Almeida (2018), Abílio (2016), Antra (2018), Bento (1985), Carneiro (2003), Nascimento (2003), Avelar (2001), Guimarães Saldado (2018) entre outros, que se relacionam com a Mulher e o Mercado de Trabalho. Conforme relatos obtidos por duas mulheres, as empresas devem dar mais voz a figura feminina, impor mais direitos, oferecer semelhanças de salários, e dar fim nos preconceitos dentro das organizações.

Palavras chave: Mercado de Trabalho, Mulher, História.

ABSTRACT

This course conclusion work entitled as The Woman and The Job Market, is a journey through the history of women, from the medieval era to the present day. For several centuries women have fought to have the same rights as men, many have been conquered by them, such as voting and standing for election, and also being able to work in different positions, and even being able to command. However, still in the 21st century, they have to fight to achieve equal pay, an end to domestic violence, prejudice, harassment and femicide. The work is based on theoretical notes with contributions from the main authors: Swain (2000), Navarro (2007), Alves (1980), Sanchez (2003), Carvalho (2008), Tavares (2010), Almeida (2018), Abílio (2016)), Antra (2018), Bento (1985), Carneiro (2003), Nascimento (2003), Avelar (2001), Guimarães Saldado (2018) among others, which relate to Women and the Labor Market. According to reports obtained by two women, companies must give more voice to the female figure, impose more rights, offer similar salaries, and put an end to prejudices within organizations.

Keywords: Labor market, Woman, Story.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS	11
<i>Objetivos Gerais</i>	11
<i>Objetivos Específicos</i>	11
MULHERES NA ERA MEDIEVAL (401-1301).....	12
A REVOLUÇÃO FRANCESA E A REVOLUÇÃO FEMININA (1701-1800)	13
(1901-1920) A CHEGADA DO SÉCULO XX: O SEXO FEMININO NÃO É BIOLÓGICAMENTE INFERIOR	13
(1921-1930) AS LEIS SÃO PRA TODAS AS PESSOAS?	14
(1970-2000) O FEMINISMO VEIO PRA FICAR	15
(2020-2021) NOVO NORMAL? AS MULHERES ESPERAM QUE NÃO	15
MERCADO DE TRABALHO	16
ENTENDA COMO FUNCIONA O MERCADO DE TRABALHO	17
HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA	19
PRINCIPAIS CONQUISTAS DAS MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA.....	20
AS DIFICULDADES DA MULHER NA POLÍTICA.....	22
MERCADO DE TRABALHO PARA MULHERES TRANS.....	23
CONQUISTAS TRANS QUE LUTAM PELA INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO	23
AVANÇOS E DESAFIOS DAS MULHERES TRANS DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO	25
MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO	26
CAI A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO.	27
METODOLOGIA.....	28
Entrevista 1: Karen Ferreira da Silva	28
Entrevista 2: Regiane de Ramos	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

Neste TCC (trabalho de conclusão de curso) iremos falar sobre o tema: A mulher e o mercado de trabalho. A escolha desse tema refere-se a um assunto relevante ao nosso cotidiano, porém não é bastante conhecido pelas pessoas.

Durante o século V até XIV o trabalho dirigido a uma mulher era os serviços do lar, essa imposição era escolhida pelos homens. Durante a era medieval as figuras femininas que não se rendiam pelas ordens impostam, eram perseguidas e consideradas bruxa, existiu um manual que permitiam que elas fossem condenadas morte. No Brasil desde o império e após o advento do código civil de 1916, muitas mulheres eram excluídas dos espaços públicos, e acabavam sendo representadas pelos pais ou maridos.

Com a chegada do ano de 1901-1920 com conflito das mulheres pela diminuição da simetria em relação com os homens ganha impulso na virada do século XIX e XX e se prolongou ao longo de todo século passado. Em 1960, ficou marcado por uma grande revolução no âmbito dos costumes. Nesta época, uma filósofa francesa conhecida como Simone de Beauvoir, conta que a hierarquia entre os sexos não é um fatalismo biológico, mas sim uma construção social, a criação desse trabalho fez com que muitas figuras femininas saíssem dos seus papéis tradicionais, sendo eles os serviços do lar.

No ano de 1923, elas conquistaram o direito ao voto, por conta do movimento sufragistas, incentivadas pela força da revolução feminina, que ocupava a história global daquela década, desde esse período só era consideradas pessoa cidadã quem votava, por direito trabalhista. No Brasil, o concedimento ao sufrágio feminino ocorreu somente onze anos depois, em 1934 tomando as mulheres eleitoras. No Rio Grande do Norte, a primeira figura feminina que conquistou um cargo político em 1928, foi Alzira Soriano, conquistando 60% dos votos, sendo nomeada como prefeita em Lages (01 de janeiro 1929). Nos anos 70, o movimento feminista começou a tomar dimensões mundiais, contribuindo com que os papéis sociais da mulher fossem contraditados e coagidos a ressignificação. Em 2020, a pandemia causada pela COVID-19, afetou as relações de trabalhos e o mundo precisou se adaptar.

Para a mulher a queda do desemprego foi alta, por causa desses acontecimentos afetou a saúde de mental de 50% delas. É importante lembrar que 70% das pessoas que trabalham na área da saúde são mulheres, elas foram as que mais lutaram na linha de frente com a COVID-19.

Mercado de Trabalho é dividido por dois grupos, o de quem ofereceu um emprego e quem o procura. O jeito como as organizações e profissionais se relacionam, influenciam como o ramo de atividades trabalhista se expande. Existe duas versões sobre ele, a do século XIX, e as dos dias atuais. A primeira variante é chamada de classicista que é dividido em dois grupos: os trabalhadores que oferecem o produto, e os empregadores que compram as vocações destes colaboradores, retribuídos a eles o chamado de salário.

Uma grande parte da história do Brasil, as figuras femininas não puderam participar da política. Carlota foi uma grande referência do sexo feminino da época de 1933, formada em medicina com a tese "estudos sobre o câncer", ela foi a primeira deputada eleita em toda América Latina. Depois de muitos anos, as mulheres foram conquistando cargos políticos, porém elas enfrentaram muitas dificuldades. Um caso marcante da política, foi o do dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro, onde Marielle Franco foi covardemente assassinada.

O Brasil é considerado o país que mais mata pessoas trans, tendo maior violência para mulheres transexuais. A maior dificuldade para elas está em conseguir empregos pois o preconceito está em todos os lugares. A primeira mulher trans que conquistou seu emprego foi Danielle Torres, muitas empresas já estão contratando transgêneros, essa busca por elas só tema aumentado. Ao mesmo tempo que um homem branco mantém-se no lugar beneficiado ao mundo corporativo, as mulheres negras atuam mais e recebem menos encarando dificuldades para serem diferenciada e respeitadas em seu papel. No posto de trabalho é o lugar onde as pessoas mais sofrem por sua etnia e gênero. Para sustentar sua família, as mulheres aceitam qualquer desafio para poder ganhar o pão de cada dia. O estudo apresenta que 43% das afrodescendentes dominam o cargo informal, por isso elas recebem salários baixíssimos.

JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema, refere-se a um assunto relevante ao nosso cotidiano o qual não é bastante conhecido pelas pessoas. Muitas delas não tem conhecimento de que ainda nos dias atuais mulheres recebem uma renda salarial baixa, em comparação com a do homem, tendo ainda que lidar com uma vida de dupla jornada, sendo que além de trabalharem fora, tem que cuidar do lar.

OBJETIVOS:

Objetivos Gerais:

Nosso objetivo é levar para as pessoas a história da mulher na força de trabalho, mostrando quais foram seus desafios e dificuldades durante todos os séculos até o atual.

Objetivos Específicos:

Mostrar aos leitores que a figura feminina vem lutando por igualdade em maior parte do tempo, conquistando o direito ao voto, a candidatura, os serviços em várias profissões. Mais ainda lutam para que acabe a desigualdade salarial, violência doméstica, preconceitos e assédios tanto morais como sexuais.

MULHERES NA ERA MEDIEVAL (401-1301)

Vamos começar voltando ao passado, época em que o trabalho dirigido a uma mulher eram os serviços do lar. Nenhum relato histórico comprova que as mulheres escolhiam isso para si. Essa foi uma imposição vinda dos homens que usavam sua força física para impor as ordens que queriam. Vale citar que, durante a era medieval as figuras femininas que não se rendiam as ordens impostas pelos homens eram perseguidas e consideradas feiticeira ou bruxas. Naquela era existiu um manual, que permitiam que elas fossem caçadas e condenadas à morte, levando milhares delas para a fogueira.

Mesmo tendo notícia de inúmeras mulheres do período medieval que se destacaram em vários setores da sociedade — educadoras, rainhas, médicas, astrólogas, teólogas, comerciantes e trabalhadoras braçais no trabalho agrícola — ainda não encontramos, em sua maior parte, citações de sua existência e participação na historiografia. De maneira geral, a representatividade e o valor dessas mulheres, que viveram no período medieval, ligadas a várias dimensões da sociedade, se perderam, pois “o que a história não diz, não existiu” (SWAIN, 2000, p. 13).

Muitas delas tinham uma profissão e até conduziam alguma forma de negócios sem a tutela do marido, de forma autônoma. Entretanto, apenas o que ouvimos falar sobre a figura feminina da era antiga, são que os serviços dirigidos a elas eram o cuidado ao lar.

Segundo Luz Simões (2016) pode-se compreender que a ideologia patriarcal era detentora das relações de poder na sociedade, tendo reforçado os papéis sociais de esposa e mãe, inclusive por meio da legislação. No caso do Brasil, as mulheres, desde o Império e até mesmo após o advento do Código Civil de 1916, eram excluídas dos espaços públicos ou, quando participavam, eram representadas por seus pais ou maridos, mas nunca sozinhas. Nessa época, com o sistema patriarcal ainda mais preponderante, este pode ser considerado o principal responsável por manter a imagem da mulher meramente como esposa e mãe.

De acordo com Navarro (2007), a autoridade sobre as damas na sociedade medieval para que pudessem existir e passassem a ser aceitas, suas estruturas físicas deveriam estar sob comando, subjugação e sapiência da religião, representado pelo domínio masculino.

A REVOLUÇÃO FRANCESA E A REVOLUÇÃO FEMININA (1701-1800)

Descontente com as dessemelhanças de gêneros, algumas mulheres passavam a expor a situação inepta que elas viviam. Uma figura feminina importante para a época foi Olympe Gouges, mulher que contestavam as convicções sociais e aconselhou a criação de uma " Declaração dos direitos femininos". Como apêndice foi existente "Declaração dos direitos do homem e dos cidadãos". Em consequência deste ato Olympe foi sentenciada a morte na guilhotina no ano de 1793, acusada por ter deixado de lado os benefícios de gênero e tentar ser um homem de estado.

(1901-1920) A CHEGADA DO SÉCULO XX: O SEXO FEMININO NÃO É BIOLÓGICAMENTE INFERIOR

O conflito das mulheres pela diminuição da assimetria em relação com os homens ganha impulso na virada dos séculos XIX e XX e se prolongou ao longo de todo século passado. O requinte aconteceu no ano de 1960, marcado por uma grande revolução no âmbito dos costumes. Naquela época, ocorreram datas de movimentos femininos como o NOW- National Organization of Women, comandado pelo Norte- Americana Betty Friedan, e trabalhos como "O Segundo Sexo", da filósofa francesa Simone de Beauvoir, que conta que a hierarquia entre os sexos não é um fatalismo biológico, mas sim uma construção social.

Fundamentado epistemologicamente em experiências de opressão de mulheres dentro de relações definidas historicamente com homens, O Segundo Sexo representou um avanço teórico importante para o existencialismo tanto quando para o feminismo, e inspirou mulheres ao redor do mundo a desafiarem seus papéis tradicionais (BARTKY, FRASER, 1992, p.26).

A criação do trabalho O Segundo Sexo durante a época de 1960, fez com que muitas figuras femininas saíssem dos seus papéis tradicionais, cuja eram os serviços ao lar, e mostrar empoderamento feminino.

(1921-1930) AS LEIS SÃO PARA TODAS AS PESSOAS?

As leis trabalhistas começaram a surgir em 1943, e com a diminuição da jornada de trabalho para 44 horas semanais, a mulher pode ter algum tipo de descanso, uma vez que, além do trabalho em condições precárias era preciso exercer também os serviços do cuidado em suas casas, ou seja, domésticos.

Em 1923 as mulheres conquistaram o direito ao voto, por conta do movimento sufragista, incentivadas pela força da revolução feminina, que ocupa a história global daquela década. Desde esse período só era considerada pessoa cidadã quem votava, por direitos trabalhistas. No Brasil, o concedimento ao sufrágio feminino ocorreu somente onze anos depois, em 1934 tornando as figuras femininas eleitoras.

A historiografia brasileira, se e quando se refere ao decreto de 1932 ou a Constituição de 1934 concedendo o sufrágio feminino, geralmente silenciam sobre o movimento, deixando crer que as mulheres se tornaram eleitoras por uma dádiva generosa e espontânea, sem que tivessem lutado ou demonstrado qualquer interesse por este assunto (ALVES, 1980, p.13, grifo no original).

Os movimentos realizados pelas pessoas de gênero feminino para o direito ao voto, geralmente eram silenciados, deixando a entender na época que a permissão delas de poderem votar foi por generosidade dos homens.

No Rio Grande do Norte a primeira mulher que conquistou um cargo político efetivo, em 1928, foi Alzira Soriano conquistando 60% dos votos, sendo nomeada como prefeita na prefeitura de Lages em 01 de janeiro 1929.

(1970-2000) O FEMINISMO VEIO PRA FICAR

Ainda nos anos 70, com expansão econômica, urbanização crescente e a industrialização em tempo acelerado, beneficiaram o acesso de diversos trabalhadores, incluindo mulheres. Desde então, o movimento feminista começou a tomar dimensões mundiais, contribuindo com que os papéis sociais da mulher fossem contraditados e coagido a ressignificação.

No entanto, justificar a presença da mulher na força de trabalho por motivos meramente econômicos significa reduzir as conquistas por elas alcançadas. Essa inserção se deve, igualmente, ao movimento de emancipação feminina e à busca de direitos iguais na sociedade (Sanchez, 2003, p. 01).

No ano de 1975 foi decidido pela ONU como “Ano Internacional da Mulher” e de, em pouco a pouco o parecer de que a figuras femininas simbolizava a fragilidade passou a se desprazer. No mercado de trabalho os cargos dados a elas de imediato eram as operações nos batalhões de base ou em linhas de produção, para que somente alguns anos depois fossem alcançando na linha de ordenação.

(2020-2021) NOVO NORMAL? AS MULHERES ESPERAM QUE NÃO

A pandemia causada pela Covid-19 afetou as relações de trabalhos e o mundo precisou se adaptar. Muitas organizações tiveram que reduzir seu quadro de funcionários, algumas fecharam as portas. Tristemente, esta foi a realidade que todos nós acabamos vivendo. Acontece que para a mulher a colisão foi maior. A falta de emprego atingiu mais o gênero feminino durante a pandemia. Estes acontecimentos afetam também a saúde mental das figuras femininas, sendo que no Brasil 50% delas declararam depressão ou ansiedade no ano de 2020.

Aprofundou algumas das desigualdades observadas no mercado de trabalho, pois aqueles que estavam em situação desvantajosa apresentam piores indicadores. Contudo, vale ressaltar que a deterioração foi ainda maior entre as mulheres (BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020, p.58).

É muito significativo destacar que as pessoas de sexo feminino, são 70% da força de trabalho na área da saúde e setor social, os que foram mais afetados na pandemia. Ou seja, elas foram as que mais trabalharam na linha de frente contra a Covid-19.

A reflexão que fica para todos sobre a mulher e o trabalho é que ainda nos dias atuais elas ganham menos que os homens, e ainda são vistas por alguns como uma cuidadora do lar.

MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho é dividido por dois grupos, o de quem oferece um emprego e quem o procura. Como toda empresa, ele também é constituído por compradores e vendedores.

Segundo Carvalho (2008), os termos de oferta e procura estão mais referentes com a porção do mercado, como por exemplo, por áreas de ocupações (empresas metalúrgicas, automobilísticas, do ramo bancário etc.), por extensão (micro, pequenas, médias e grandes empresas), por fontes (estatais, mistas, privadas nacionais e multinacionais), ou além disso, por território (São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro etc.).

A força de trabalho diferencia dependendo de uma profissão ou até a localização geográfica. Desse modo, influenciam-se nas chances acessíveis para os profissionais, salários concedidos, entre outros. É por conta disso, que as pessoas fazem observações do mundo corporativo antes de optar por uma profissão. Afinal, e através destas análises que podem identificar se a oferta e a demanda daquele emprego ou carreira é vantajosa.

ENTENDA COMO FUNCIONA O MERCADO DE TRABALHO

O jeito como as organizações e profissionais se relacionam, influenciam como o ramo de atividades trabalhistas se expande. Exemplo: se tem mais procura do que a proposta de uma profissão específica ela se valoriza. Isto é, os capacitados deste território tendem a dominar mais oportunidades.

Consoante a Almeida (2009) acrescenta que os vínculos de serviço entre a empresa e o funcionário também caminharam por diversas mudanças. A ideia de um especialista que passava a grande parte de sua vida em uma só firma, deixou de ser a realidade. Percebe-se que uma alta parcela de qualificados mudam de entidades com mais frequência.

Existem duas versões sobre o mercado de trabalho, a do século XIX, e as dos dias atuais. A primeira variante é chamada de classicista onde é dividido em dois grupos: os trabalhadores que oferecem o produto, cujo são suas aptidões, como por exemplo: força física, habilidade, atitudes e estudos.

Conforme Caldas (2017) ressalta que a conquista de uma instituição depende da capacidade de seus colaboradores e que a insuficiência de competência auxilia desfavoravelmente para o sucesso da mesma.

Já o segundo grupo são os de empregadores que compram as vocações destes colaboradores, retribuindo a eles o chamado de salário.

No final do século XIX surgem os estudiosos neoclassicista, que começam a olhar para o trabalhador além da oferta de demanda, em função da revolução industrial e do contexto em que as coisas estavam acontecendo. É a partir daí que os diligentes neoclassicistas começaram a olhar com mais atenção para os funcionários que trabalhavam nas fábricas, e é em consequência disso que se torna importante no sistema organizacional todo, o treinamento e o desenvolvimento da gestão de estratégia, uma vez que, se não existissem colaboradores não teriam as grandes empresas. Vale ressaltar que, os neoclassicista acreditavam que existia uma possibilidade maior para as pessoas, ou seja, elas poderiam escolher entre diferentes postos de trabalhos que estão disponíveis, considerando a época em que isso ocorreu, existiam diversas organizações, cuja algumas delas são o mercado industrial, o militar que contratavam bastante indivíduo, o de serviço, educação que começou a

surgir naquela época, toda essa variedade de empregos, davam para o pessoal a oportunidade de escolher o ramo que quisessem.

Em conformidade com Kopschina (2001) considera-se que, os trabalhadores podem se deslocar voluntariamente e que conseguem escolher entre uma alta diversidade de alternativas no posto de trabalho, fundado em suas preferências, habilidades e capacidades especializadas e que, por isso, irão adquirir um rendimento sobre a base de suas continências de capitais humanas.

Hoje em dia o negócio está bem mais dinâmico, as coisas estão mudando de forma rápida, portanto, ele está sem uma constante evolução, oferecendo mais opções de profissões.

Um exemplo simples para entender melhor o que é a força de trabalho, é imaginar uma gangorra, que de um lado estão as organizações e as vagas de emprego e do outro estão os candidatos que estão buscando cargos, quando está instabilidade pende para as instituições, faz com que elas se esforcem mais para conseguir atrair estes pretendentes que são mais relevantes para as empresas, praticamente a mudança que se percebe-se é a elevação do nível dos salários, justamente porque precisam ser preenchidos, por isso, é interessante para as fábricas terem essas pessoas mais rápido possível para estas funções e fazendo com que a entidade cresça.

De acordo com Chiavenato (2009), quando a proposta é maior do que a demanda, há grande excesso de oferecimento de emprego pelas organizações e poucos pretendentes. Diante disso, as companhias acabam aplicando mais em recrutamento, os métodos de apuração tornam-se mais compreensivo, aplicam mais em treinamento para neutralizar a inadequação dos requerentes, sem apontar na concorrência entre as firmas na competição pelos mesmos opositores.

Já quando a oscilação cai para o lado dos candidatos, quem se dão bem são as associações, porque, como existem poucas oportunidades de emprego e um número grande de pessoas procurando vagas, há grandes chances destas empresas contratarem funcionários qualificados e ainda deixa o pagamento mais estagnado. Por isso é importante tentar manter o equilíbrio para que possamos desenvolver até mesmo o país melhor.

HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA

Ao decorrer de grande parte da história do Brasil, as figuras femininas não puderam participar da política, pois a todas elas eram recusadas os direitos fundamentais de um cidadão, tais como, votar e se candidatar.

Por séculos, a participação da mulher na política foi considerada incompatível com sua natureza talhada para os domínios do privado, entendido como um terreno “apolítico”, ao contrário do território público, político por excelência e, portanto, sob dominação exclusiva do homem (SCOTT, 2002).

Exclusivamente em 1933, no decurso do governo de Getúlio Vargas, elas conseguiram o direito de votar, e conseqüentemente o de concorrer ao poder. Durante as eleições de 1933, a doutora Carlota Pereira de Queiroz se tornou a primeira mulher com o cargo político de deputada federal brasileira.

Carlota foi uma grande referência feminina da época, formada em medicina com a tese “Estudo sobre o Câncer”. Em São Paulo no período de 1932 aconteceu a revolução constitucionalista, onde Carlota Pereira se uniu com cerca de setecentas mulheres para lutar contra o governo de Getúlio Vargas, pois queriam que ele cumprisse com o que havia prometido, que era a prolongação da constituição.

Com a prolongação da nova Constituição, em 1934, as mulheres exerceram pela primeira vez o direito de votar e de se candidatar nas eleições Assembleia Nacional Constituinte. Diante deste avanço no âmbito do direito eleitoral, o Brasil tornou-se o quarto país da América a estabelecer o voto feminino (BUONICORE, 2009, p. 205).

Foi após isso, a exatamente um ano depois, que Carlota é eleita como a primeira deputada feminina, não só no Brasil, mas também de toda a América Latina. Com a conquista deste cargo, ela realizou projetos no qual dizia que o estado devia investir em programas sociais. Anos depois, em 1937 com o fim de seu mandato, devido ao estado novo implantado no Brasil, ela continuou sua trajetória pelo mundo a fora, como por exemplo França e Alemanha. Em 1942 tornou-se membra da Academia Nacional de Medicina. Sua história e

carreira só acabou após sua morte, em 14 de abril de 1982, em São Paulo. Porém, sua memória é citada até hoje com muito carinho e respeito.

PRINCIPAIS CONQUISTAS DAS MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA

Durante os anos passados, muitas mulheres foram conquistando cargos políticos, como por exemplo no ano de 1929, onde Alzira Soriano se torna a primeira figura feminina a se tornar prefeita na prefeitura de Lages no Rio Grande do Norte.

De acordo com Guimarães Salgado (2018) as figuras femininas deste estado foram as primeiras a exercerem o direito ao voto, e se candidatar para as eleições. Em 1928 foram realizadas as primeiras candidaturas femininas na cidade citada acima, quando se elegeu Luiza Alzira Soriano, eleita em 1929 como a primeira prefeita de sexo feminino do Brasil.

Quatro anos depois, em 1932, os indivíduos de sexo feminino, conseguem a capacidade de participar das eleições, não só como eleitoras, mas também candidatas.

Em conformidade com Avelar (2001) a razão pela qual me levou a escolher o presente tema referente a seleção de candidatos realizados por figuras femininas de um bairro de classe média e outro da periferia, considerando que durante muito tempo as mulheres estiveram historicamente marginalizadas da política. Como já afirmamos anteriormente, no Brasil as figuras femininas só tiveram direito ao voto em 1932 tendo sua participação efetiva no processo eleitoral apenas em 1946. Outra razão é que corriqueiramente se afirmar que elas nunca tiveram muito interesse pelo poder público, tratando-se está uma esfera exclusivamente masculina, nas quais os indivíduos de sexo feminino participavam orientadas pelo opinião de seus maridos, não tento, por tanto, autonomia no que se diz respeito às orientações governamentais.

Durante o período de 1934, a professora Antonieta de Barros, uma mulher humilde, filha de uma escrava liberta, conseguiu um cargo na

Assembleia de Santa Catarina. Sua participação neste trabalho foi de grande importância para a época, pois Antonieta foi a primeira parlamentar negra do Brasil, quebrando não só o machismo como também a discriminação racial.

Em 1975, torna-se existente a fundação do Centro da Mulher Brasileira, que tinha como principal objetivo passar reflexão sobre a condição da figura feminina na sociedade.

Já no ano de 1979, o Brasil ganha mais uma ocupação feminina no espaço político, sendo atribuído a função de senadora para Euníce Micheles.

De acordo com Tavares (2010) Euníce, foi recebida em seu primeiro dia de mandato com flores e poesias. Era 1979 e ela chegava ao Senado como suplente de João Bosco, parlamentar da Arena eleito pelo Estado do Amazonas, que morreu dois meses depois da eleição. Foi uma recepção muito carinhosa, e verdadeira. Mas não era usual um senador ser recebido assim. Então, foi também profundamente discriminatória.

Em decorrer de 24 de agosto de 1982 a 15 de março de 1985, Esther de Figueiredo Ferraz torna-se a primeira-ministra de sexo feminino, ocupando a pasta da educação e cultura brasileira.

Outra conquista importante da mulher na política, aconteceu em 1989, onde Maria Pio de Abreu concorre o poder da presidência nas eleições. Porém, infelizmente não ganhando.

No ano de 1995 Roseane Sarney ganha a ocupação no cargo de governadora brasileira.

Já no século XXI, em 31 de outubro de 2010, Dilma Roussef se candidata para a presidência do Brasil, ganhando e se tornando a primeira figura feminina a ser presidente. Vale ressaltar, que Dilma também venceu as eleições de 2014, tendo posse novamente de sua ocupação na presidência atribuído a ela antes, em 2010. Mas por conta de um processo chamado “impeachment” que visa tirar alguém de um cargo governativo em países com modelos presidenciais, por grave delito ou má conduta nos exercícios de suas funções, Dilma teve que ser afastada do poder.

AS DIFICULDADES DA MULHER NA POLÍTICA

Infelizmente, as figuras femininas enfrentam diversos problemas, principalmente quando se trata de política. Algumas delas acabam recebendo violência política de gênero, podendo ser elas: Agressão física, psicológica, econômica, simbólica ou até mesmo sexual e moral.

No ano de 2022, Tamires Fakh tentou se candidatar para o cargo de vereadora pelo partido rede. Porém, acabou sendo vítima de agressões verbais em suas redes sociais, tudo por ser mulher.

De acordo com Tamires Fakh (2022), os comentários eram aterrorizantes, e que recebia ameaças de estupros, o que fez ela ter medos de ser assediada caso vencesse as eleições.

Vale ressaltar que, Luciana Genro passou por essa mesma situação ao ganhar competência ao cargo de deputada estadual.

Além de tudo isso, a violência política de gênero tornou-se mais grave dos anos anteriores para cá, com o caso de Marielle Franco, que foi covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro, dando aos familiares indignação e sede por justiça, lembrando que o assassino ainda não foi encontrado.

Segundo Almeida (2018) a morte de Marielle Franco tem um viés político, um projeto de nação que transcendeu o Brasil por meio da colonização como uma prática de controle de corpos negros com o propósito de enaltecer o capitalismo. Projeto este que possui um cunho ideológico de extermínio da população negra que ora serviu somente no passado para angariar, por meio da exploração, recursos para os colonizadores e que no decorrer dos tempos foram sendo invisibilizados/as por apagamento, físico, epistemológico e geográfico pautado no racismo estrutural.

Marielle foi morta por ser uma figura feminina e negra, o que nos faz visualizar o quanto a humanidade é cruel. E ainda, foi assassinada por fazer parte da política, e por lutar pelos direitos femininos.

MERCADO DE TRABALHO PARA MULHERES TRANS

O Brasil é considerado o país que mais mata pessoas trans, tendo maior violência para mulheres transexuais.

A transfobia gera ódio e não se materializa apenas na violência psicológica, mais principalmente pelos grandes índices de morte de pessoas transgêneros. Por conta disso, declarar-se trans no Brasil é um perigo constante (ABÍLIO 2016, p. 131).

A dificuldade para elas também estão para conseguir um emprego, pois ainda nos dias atuais existem preconceitos dentro das empresas. Vale ressaltar que a taxa de desemprego para os transgêneros é de 20,47% e que por essa falta de oportunidade 90% delas estão em situação de rua ou se prostituindo.

90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido a baixa escolaridade provocada pelo processo de exclusão escolar, gerando uma maior dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social (Antra, 2018 p.19).

Em uma pesquisa realizada pela Antra, apontou que 88% das entrevistadas consideram que as organizações não estão preparadas para admissão desses indivíduos, a apuração expôs também que 20% da população transgêneros não tem uma ocupação formal.

Segundo WALL (2018), cada uma destas pessoas narra, que existe desigualdade e injustiça de valores sociais heteronormativos, cisgêneros e transfóbicos, construídos historicamente e naturalizados, que perpassam o presente e ameaça o tempo futuro.

CONQUISTAS TRANS QUE LUTAM PELA INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A primeira conquista que abordaremos é sobre Danielle Torres, primeira mulher transsexual a conseguir um trabalho executivo dentro da consultoria

KPMG que é uma organização global de forma independentes que prestam serviços profissionais nas áreas de Audit, tax e Advisory. Foi no ano de 2021 que ela foi identificada como uma das 500 personalidades mais atuantes da América Latina pela Bloomberg Línea. Danielle começou sua transição de gênero, depois de muitos anos exercendo sua função dentro da empresa e foi muito bem recebida e respeitada pelos seus colegas de trabalho.

A próxima figura importante que iremos citar, trata-se de Marcia Rocha cuja sua formação profissional é de advogada, mais além disso Marcia também é empresária e tem um cargo importante como representante dentro da World Association for sexual Health. Mais sua maior conquista sendo uma transsexual foi de um projeto idealizado por ela que é chamado “TransEmprego”, cuja o objetivo é oferecer para pessoas trans oportunidades de emprego, já que para eles ter trabalho digno é muito difícil.

Segundo TransEmprego (2013) a iniciativa do site vem com o intuito de facilitar a entrada de pessoas transsexuais dentro da força de trabalho, indivíduos que muitas das vezes não possuem oportunidades por serem transgêneros.

Abordaremos agora sobre Fabiola Lopes, uma das primeiras transgêneros a receber um cargo como executiva de vendas na Unilever Brasil. Tendo em seu currículo duas formações, ela descobriu-se trans em 2016, onde participava da abertura e também do encerramento das olimpíadas no Rio de Janeiro. Ao se assumir mulher transsexual ela começou a ter inseguranças profissionais, foi aí então que ela acessou o site citado acima, que como citado a uma, busca acolher pessoas transgêneros. Enviou seu currículo, e foi chamada pela Unilever para uma entrevista para a vaga de executiva de negócios, sendo contratada em 2018. Por ter recebido esta oportunidade e ter sido muito acolhida ela buscou abrir mais vagas dirigidas a pessoas trans.

AVANÇOS E DESAFIOS DAS MULHERES TRANS DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO

Ressalta-se que muitas empresas já estão contratando transgêneros, mais essa busca por elas só tem aumento quando é o mês de visibilidade trans, onde as organizações buscam usar a imagem de transsexuais para publicidade, dando a acreditar que aceitam a diversidade. Mas a pergunta é, será que essas entidades de trabalho apoiam de fato pessoas LGBTQIA+?

A resposta é simples, não! As empresas ainda têm preconceito, e por mais que passem a boa imagem de aceitação respeito, e admiração, as vagas sempre são mais atribuídas para homens brancos.

Maite Schneider (2021) diz que a grande parte de vagas disponíveis em umas empresas formais, são dadas para homens brancos, pois o preconceito não está somente ligado a orientação de gênero, sexualidade do candidato a vaga, mas está também em sua raça.

Sabemos que a luta das mulheres por direito e igualdade ainda não acabou, e que ainda faltam lutar mais, acontece que para figuras femininas trans a luta ainda é maior.

As possibilidades de inserção no mercado de trabalho para as transgêneros são mínimas; mesmo nas situações em que estas executem atividades tidas como femininas, não são consideradas mulheres e pela ambiguidade são alvos de preconceitos por parte da sociedade. Considera-se que a questão da diversidade é colocada a dupla dificuldade enfrentada pelas transgêneros, pois é difícil para a mulher entrar no mercado de trabalho, e ter as mesmas condições trabalhistas e salariais do homem, o desafio aumenta para a travesti (NASCIMENTO, 2003, p.37).

É muito raro encontrarmos transgêneros em algum cargo de comando, e que ainda é preciso ser muito retratado o assunto sobre inclusão delas na força de trabalho.

Torna-se importante citar que a principal razão da qual transsexuais não são contratadas é o preconceito, estrutural, pois tendo como base a “TransEmpregos” 25 mil currículos são cadastrados, e que deste grande total, 40% tem formação, graduação, doutorado ou mestrado. Ou seja, não é por

falta de qualificação que as trans não são empregadas e sim por ignorância das organizações.

MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

Ao mesmo tempo que o homem branco mantém-se no lugar beneficiado ao mundo corporativo, as mulheres negras atuam mais e recebem menos, encarando dificuldades para serem diferenciadas e respeitadas em seu papel.

Em conformidade Ratts (2007) todas elas são um elemento do qual se coagula a alicerce de autoridade, como mulher e como de etnia escura, se vê ocupando o ambiente e as obrigações que foram dados a elas desde a escravidão.

O Brasil é o país que concentra a maior proporção dos habitantes negros fora da África, 55,8% do povo brasileiro são pessoas negras. É interessante dizer que o racismo é o motivo de tanta desigualdade nos dias atuais, entre brancos e negros. Isso é captado a cada formação sociável, tal como, diminuir o valor de um indivíduo de pele escura, em específico do sexo feminino, a qual confirma que as diferenças se perpetuem sob a ótica eurocentrismo, mantendo a aparência do homem caucasiano no topo da pirâmide.

Vale lembrar que, as figuras femininas de cor branca recebem repressão de gênero e as afrodescendentes sofrem perseguição de raça e vida social. Para compreendermos a trajetória delas, que é assinalada por falta de acesso e constância desde o começo escolar, onde 30% das meninas de pele escura não conseguem completar o colegial, contrário das garotas de aparência clara que só 18% delas não é concluída.

Mesmo com altos níveis de escolaridade, as mulheres negras não conseguem atingir as etapas de mobilidade social que normalmente são proporcionadas pelo investimento em educação. A sua presença no estrato não manual baixo é importante e significativa; mas, como já foi colocado, o status desse grupo ocupacional é bastante limitado, o que dá às mulheres negras poucas possibilidades de melhorar sua situação sócio-econômica como os demais grupos (BENTO, 1995, p. 489).

A dificuldade está também dentro do ambiente escolar, onde elas sofrem com os preconceitos e muitas das vezes recebem piadas de mal gosto. Já dentro das organizações a luta delas está para conseguir um bom cargo, como por exemplo dentro de trabalhos de poder, como a política.

De acordo com Carneiro (2003) o combate das negras em contraposição a violência de classe e linhagem vem formando novos perfis para o ato político feminista e contra o racismo, aumentando muito a discórdia do assunto racial como a de gênero no Brasil.

No posto de trabalho é onde essas pessoas sofrem mais por sua etnia e gênero. Por isso é importante debater a respeito da desconformidade de origem e casta que as operárias afrodescendentes passam no Brasil, contudo esse debate precisa ser pautado, isto é, abranger que essa autenticidade é produto de amplo e abstruso método de reprodução tendenciosidade e organização sociável relacionado ao racismo estrutural.

CAI A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO.

No local de trabalho, poucas mulheres de pele escuras obtém um lugar, além de ter também um salário baixo e em condições desagradáveis. Em 2022, entre janeiro e março, 49 milhões de figuras femininas negras tem idade para encarregar-se, mas apenas 51,2% delas conseguiram adquirir vagas, já os homens brancos são 72,2% que estão no posto de trabalho.

De acordo com Bento (1985) elas são apontadas ainda nos dias de hoje como as servidoras que mais experimentam a debilidade no mundo corporativo no Brasil, e não só por serem do gênero feminino, mas também por conta de sua cor.

Para poder se sustentar, elas passam por várias situações e aceitam quaisquer desafios em direção a ganhar o pão de cada dia. O estudo apresenta que 43% das afrodescendentes dominam o cargo de trabalho informal, por isso, elas recebem salários baixíssimos.

METODOLOGIA

Entrevista 1: Karen Ferreira da Silva

Realizamos uma entrevista no dia 24 de agosto de 2022, as 11h30, na cidade de Itapetininga/SP, cuja entrevistada foi Karen Ferreira da Silva, professora estadual, onde solicitamos a ela as seguintes perguntas:

Pergunta 1:

Você já vivenciou algum tipo de preconceito em algum ambiente de trabalho? Se sim, como foi?

R: Segundo ela, sim, já sofreu preconceitos dentro de uma organização por conta de seu gênero, o que fez com que ela sentisse menos capaz que um homem.

Pergunta 2:

Alguém já questionou o fato de ser mulher ou por sua etnia, para não lhe dar um cargo?

R: Não, nunca a questionaram de primeiro momento, apenas sofria com piadas e olhares já dentro da empresa.

Pergunta 3:

Para você, uma mulher tem os mesmos direitos que os homens dentro do mercado de trabalho?

R: Não, por conta da desigualdade de gênero, que ainda em algumas entidades as mulheres recebem menos, e que um homem branco recebe muito mais oportunidades.

Pergunta 4:

Sempre foi aceita dentro da força de trabalho?

R: Não, sempre teve que lidar com piadas de mal gosto em organizações empresariais, mas, que dentro do ambiente escolar nunca sofreu esse tipo de preconceito.

Pergunta 5:

Quais foram suas dificuldades ao conseguir um emprego?

R: De acordo com ela, a maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, esta em conquistar seu primeiro emprego, pois muitas organizações não aceitam novatas no primeiro momento. E que teve sua primeira oportunidade no canal de Jovem Aprendiz.

Pergunta 6:

Para você, o que deve mudar em relação as mulheres dentro de uma empresa?

R: Para ela, as entidades devem dar mais vozes as figuras femininas, e passarem a igualar os direitos, tanto para o gênero masculino como para o feminino, começando a igualdade salarial.

Entrevista 2: Regiane de Ramos

Realizamos uma segunda entrevista no dia 30 de agosto de 2022, as 16h30, na cidade de Itapetininga/SP, cuja entrevistada foi Regiane de Ramos, cozinheira dentro de um restaurante bastante frequentado da cidade, onde solicitamos as mesmas perguntas citadas a cima:

Pergunta 1:

Você já vivenciou algum tipo de preconceito em algum ambiente de trabalho? Se sim, como foi?

R: Sim, me chamaram de preta, me deixando constrangida pois nunca tinha passado por aquilo antes.

Pergunta 2:

Alguém já questionou o fato de ser mulher ou por sua etnia, para não lhe dar um cargo?

R: Segundo ela, quando foi procurar um emprego como garçoneiro, disseram que aquela vaga seria somente para homens.

Pergunta 3:

Para você, uma mulher tem os mesmos direitos que os homens dentro do mercado de trabalho?

R: Não, pois muitas figuras femininas trabalham mais que um homem e recebem menos.

Pergunta 4:

Sempre foi aceita dentro da força de trabalho?

R: Em conformidade a ela, já não foi aceita dentro de uma empresa, e que ainda a colocavam para baixo, dizendo que ela não seria capaz de realizar as tarefas propostas ao chefe.

Pergunta 5:

Quais foram suas dificuldades ao conseguir um emprego?

R: Sua dificuldade foi por conta de ser negra, e por não ter cursos e ensino superior completo.

Pergunta 6:

Para você, o que deve mudar em relação as mulheres dentro de uma empresa?

R: Devem receber os mesmos salários que os gêneros masculino, serem reconhecidas pelos seus esforços, deixarem de preconceito e pararem de assediá-las dentro e fora das empresas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a história, o papel da mulher foi o de servir seus maridos, cedendo a eles obediência. Sabe-se que, milhares de mulheres foram mortas na idade média, e o que chegou até nós é que elas eram bruxas ou feiticeiras, e por isso o motivo de suas mortes, mas tudo não passa de um mito, as figuras femininas eram assassinadas e espancadas em praças públicas, por não serem obedientes com seus companheiros.

E hoje em dia? ainda é assim? a resposta é clara e objetiva, sim, a taxa de feminicídio no Brasil vem se alastrando cada vez mais, tirando a vida de milhares de inocentes.

A luta da mulher por todo período foi também em pró a poder exercer uma função dentro de uma empresa, já que em tempos atrás o único serviço dado a elas eram o de cuidado ao lar. Porém, com o passar dos anos, muitas delas foram conquistando espaço nas organizações, tendo até cargos de comando, podendo participar também da política, não só como eleitoras, mais exercendo como candidatas.

É verídico que muitas lutas por igualdade de gênero foram vencidas por elas, mas que ainda faltam conquistas para serem alcançadas, como por exemplo: a semelhança de salário entre o homem e a mulher, o fim da violência doméstica e do feminicídio, colocar um ponto final no assédio moral ou sexual e acabar de vez com o preconceito, tanto dentro do mercado de trabalho como no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCONDES, Letícia. **A mulher no mercado de trabalho: uma linha do tempo que você precisa conhecer.** SafeSpace. 8 de março de 2021. Disponível em: <https://safe.space/conteudo/a-mulher-no-mercado-de-trabalho-uma-linha-do-tempo-que-voce-precisa-conhecer>. Acesso em: 22 abr. 2022, 08h50.

Mercado De Trabalho: O Que É?, Como Funciona E Como Ele Está. Descomplica. 12 de Outubro de 2021. Disponível em: <https://descomplica.com.br/tudo-sobre-carreiras/mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 10 mai. 2022, 09h12.

Participação da mulher na política brasileira. SuaPesquisa.com. Disponível em: https://m.suapesquisa.com/pesquisa/mulheres_politica.htm. Acesso em: 08 jun. 2022, 20h45.

JORGES, Gabrielle. **Violência política de gênero: quais as dificuldades para uma mulher ingressar na política.** JornalComunicação. 21 jan. 2021. Disponível em: <https://jornalcomunicacao.ufpr.br/violencia-politica-de-genero-quais-as-dificuldades-para-uma-mulher-ingressar-na-politica/>. Acesso em: 20 jun. 2022, 20h11.

Cenário do mercado de trabalho para mulheres trans. Taqe. 24 mar. 2022. 10h00. Disponível em: <http://www.taqe.com.br/cenario-do-mercado-de-trabalho-para-mulheres-trans/>. Acesso em: 07 ago. 2022, 20h30.

5 lideranças trans que lutam pela inclusão no mercado de trabalho. MeioeMensagem. 31 mar. 2022, 06h00. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/womentowatch/2022/03/31/5-liderancas-trans-que-lutam-pela-inclusao-no-mercado-de-trabalho.html>. Acesso em: 07 ago. 2022, 08h27.

A mulher negra no mercado de trabalho. 12 mai. 2022, 21h39. Disponível em: <https://jornalcomunicacao.ufpr.br/violencia-politica-de-genero-quais-as-dificuldades-para-uma-mulher-ingressar-na-politica/ttps://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 10 ago. 2022, 16h16.

Cai a participação de mulheres negras no mercado de trabalho em relação ao período pré-pandemia. G1. 25 jul. 2022, 21h38. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/25/cai-participacao-de-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho-em-relacao-ao-periodo-pre-pandemia.ghtml>. **Acesso em:** 10 ago. 2022, 16h30.

